

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

AMANDA SELINGARDI

**Focalizações subalternas em Levantado do Chão:
mulheres e crianças**

SÃO CARLOS - SP
2025

AMANDA SELINGARDI

Focalizações subalternas em Levantado do Chão: mulheres e crianças

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras (Português-Espanhol) da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Laks

SÃO CARLOS - SP
2025

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

- José Saramago

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de São Carlos, por ser o lugar que me propiciou tanto conhecimento e tantas oportunidades.

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr Daniel Laks, por aceitar me orientar nesse trabalho sobre um autor tão especial para mim e por ter me ensinado tanto ao longo dos meus anos na universidade. Aprender com você, sempre de forma atenciosa e cuidadosa, foi decisivo para a minha paixão pela literatura e um dos maiores prazeres da vida universitária.

Agradeço às professoras Letícia Alves Franzini e Bruna da Silva Otto de Oliveira por aceitarem compor a minha banca, pela leitura atenta e contribuições ao trabalho.

Agradeço aos meus pais, que nunca mediram esforços para que eu conseguisse realizar os meus sonhos e os meus estudos, sendo os maiores incentivos para eu alcançar meus objetivos. Também por serem o colo carinhoso que sempre me recebe, me conforta e me espera.

Agradeço à minha irmã e melhor amiga, companheira de todas as horas e para todas as fases da vida.

Agradeço ao Matheus, meu amor e amigo, por sempre me dar o abraço e conforto que eu preciso, por ser o acalento em dias nebulosos e por sempre me acompanhar e me apoiar.

Agradeço às minhas amigas, que independentemente da distância sempre se fizeram presentes e permaneceram sendo uma parte essencial da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as focalizações subalternas presentes na obra *Levantado do Chão*, buscando primeiramente compreender a relação entre a obra ficcional e o contexto histórico de Portugal, utilizado como base para a construção do livro e servindo de enredo para este. É analisada, a partir do enredo, como a escrita de José Saramago carrega traços do movimento Neorrealista e serve como um testemunho, o que faz com que o livro sirva para compreender pessoas e histórias reais a partir da ficção; para embasamento teórico, foram utilizados Márcio Seligmann-Silva e António Pedro Pita, para a construção da relação entre arte, política e testemunho. Em seguida, o trabalho apresenta, com a crítica de Teresa Cristina Cerdeira e a obra de Silvia Federici, as representações e mudanças da posição feminina ao longo do livro de José Saramago, demonstrando as formas de subalternidade a que eram submetidas as mulheres e a evolução destas ao longo do livro. Por fim, há o estudo sobre a categoria de infância, o trabalho infantil e o papel da educação dentro da sociedade representada no livro, utilizando como base os trabalhos de Catarina Pimentel Neto, Pedro Goulart e Arjun S. Bedi.

Palavras-chave: *Levantado do Chão*; José Saramago; mulheres; subalternidade; infância; trabalho infantil; educação.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar las focalizaciones subalternas presentes en la obra *Alzado del Suelo*, buscando en primer lugar comprender la relación entre la obra ficcional y el contexto histórico de Portugal, utilizado como base para la construcción del libro y sirviendo de trama para este. A partir de la trama, se analiza cómo la escritura de José Saramago posee rasgos del movimiento Neorrealista y funciona como un testimonio, lo que hace que el libro permita comprender personas e historias reales a partir de la ficción; para el fundamento teórico, se utilizaron Márcio Seligmann-Silva y António Pedro Pita para la construcción de la relación entre arte, política y testimonio. En seguida, el trabajo presenta, con la crítica de Teresa Cristina Cerdeira y la obra de Silvia Federici, las representaciones y transformaciones de la posición femenina al largo del libro de José Saramago, demostrando las formas de subalternidad a las que eran sometidas las mujeres y su evolución al largo de la obra. Por último, se realiza un estudio sobre la categoría de la infancia, el trabajo infantil y el papel de la educación dentro de la sociedad representada en el libro, utilizando como base los trabajos de Catarina Pimentel Neto, Pedro Goulart y Arjun S. Bedi

Palabras clave: *Alzado del suelo*; José Saramago; mujeres; subalternidad; infancia; trabajo infantil; educación.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. LEVANTADO DO CHÃO: ENTRE A REALIDADE E A FICCTICIDADE	11
2.1. O testamento e o testemunho.....	15
2.2. Saramago e o impulso neorrealista.....	17
3. A POSIÇÃO FEMININA EM LEVANTADO DO CHÃO.....	23
4. A INFÂNCIA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM LEVANTADO DO CHÃO.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

Levantado do Chão, de José Saramago, é uma obra lançada em 1980 e que retrata a vida de trabalhadores rurais dentro do latifúndio na região do Ribatejo. A partir sobretudo da narração de episódios da família Mau-Tempo, o livro representa a realidade de vida e as dificuldades enfrentadas na região durante o final do século XIX, retratando, portanto, a Primeira República em Portugal, até aproximadamente 1974, com o final da ditadura portuguesa. A narrativa começa com Domingos Mau-Tempo e Sara da Conceição, casal que mostra as implicações que a miséria, falta de trabalho e alcoolismo geram na vida deles e, posteriormente, na dos filhos. Um deles, João Mau-Tempo, é a personagem que o livro acompanha desde a infância até a morte, sendo o ponto maior de focalização da situação dos trabalhadores rurais dentro de um latifúndio.

O livro, mesmo sendo uma construção ficcional, serve como um meio para entender a realidade portuguesa do período retratado, já que representa pessoas reais que foram postas à margem e não tiveram suas histórias contadas. Com isso, o livro apresenta uma epopeia campesina, segundo Teresa Cristina Cerdeira: um acordar para a história dos homens da terra, do latifúndio, que não tem a glória que o passado de expansão marítima de Portugal teve.

Portanto, o presente trabalho apresenta, em um primeiro momento, o enredo dessa epopeia campesina, mostrando como a vida das personagens se relacionam com a realidade política de Portugal - as dinâmicas sociais e de poder no latifúndio e as consequências que a ditadura trazia na vida dessas pessoas, como censura, falta de direitos trabalhistas e prisão.

Posto isso, é mostrado como a escrita de José Saramago se liga a uma literatura testemunhal e de testamento, utilizando Márcio Seligmann-Silva como base para a discussão: a obra faz um testemunho ao narrar a morte de Germano Vidigal do ponto de vista das formigas, as únicas sobreviventes que veem a cena e que não são os agressores. Além disso, há um caráter de testamento em *Levantado do Chão*, já que o livro não é um romance histórico, mas sim pretende ser um depoimento de uma época. Também no primeiro capítulo será abordado como o livro carrega traços do movimento Neorrealista, já que intenciona uma escrita política, contra-ideológica, que constrói uma outra narrativa para o período retratado com influências de uma literatura

marxista. António Pedro Pita foi utilizado para mostrar como há uma relação entre a arte e a política, necessárias para construir novas formas de pensamentos desvinculadas da ordem dominante, algo que se evidencia com *Levantado do Chão*.

Discutidas as relações entre realidade e ficção, o trabalho apresenta, em seguida, uma análise da mulher estuprada, Sara da Conceição, Faustina Mau-Tempo, Gracinda Mau-Tempo e Maria Adelaide Espada, personagens femininas de *Levantado do Chão*. É pensado sobre qual espaço está reservado às mulheres dentro de um Portugal que utilizava do mito da essencialidade ruralista para a construção da identidade nacional, como mostra Fernando Rosas. Além disso, foram utilizados escritos de Silvia Federici para pensar sobre a dominação do corpo feminino, principalmente nas fases de avanço e consolidação do capitalismo, e como é o sexo para as mulheres; a crítica de Teresa Cristina Cerdeira apontando que as mulheres sofriam com a subalternidade social, sexual e cultural e como isso se manifesta nas personagens já citadas.

Também, neste capítulo, é proposto que essas mulheres mostram uma evolução - leve e gradual - da posição feminina na sociedade: na mulher estuprada, sem nome para simbolizar tantas outras mulheres abusadas, se concentram as formas de subalternidade e a dominação sexual por conta do desejo de posse do corpo feminino e por uma questão de superioridade regional. Em Sara da Conceição, há a inferioridade em relação ao homem (marido, pai ou irmão) e o trabalho doméstico que se estende, inclusive, para o sexo. O presente trabalho propõe que, a partir de Faustina Mau-Tempo e Gracinda Mau-Tempo, as mulheres do livro começam a ter alguma evolução, manifesta principalmente no tratamento dado a elas dentro do casamento e na relação com o sexo, além de mostrarem a biopolítica como poder da vida, utilizando Peter Pál Pelbart para o embasamento teórico. Por fim, em Maria Adelaide Espada, filha de Gracinda, se encontram as memórias das mulheres e dos trabalhadores que vieram antes, a ressignificação dos espaços mostrados no livro e a mudança de nome que inaugura um novo tempo em Portugal, coincidindo com a Revolução dos Cravos de 1974: de Mau-Tempo, a família passa a ser Espada.

No último capítulo, o trabalho discorre sobre o conceito de infância e suas mudanças ao longo da história, mostrando como essa classe é fruto da modernidade. Com isso há a análise da infância de João Mau-Tempo, marcada pelo trabalho infantil, pela brutalidade no tratamento e por grandes responsabilidades impostas a ele, desde

os dez anos. Ele, criança durante a Primeira República em Portugal, teve oportunidade de ir para a escola por três anos, fruto de um projeto de ensino desse período. A outra personagem analisada, António Mau-Tempo, sofreu com as mesmas condições de trabalho infantil mas não teve esse mínimo acesso a educação, já que sua infância correspondeu ao período da ditadura em Portugal. O capítulo utilizou de Catarina Pimentel Neto, Pedro Goulart e Arjun S. Bedi para demonstrar onde se concentrava o trabalho infantil em Portugal e seus índices.

Assim, o trabalho pretende mostrar algumas relações presentes em *Levantado no Chão* que constroem uma lente para ver a realidade de forma crítica. Ao focalizar grupos subalternos, sejam trabalhadores rurais, mulheres ou crianças, a obra faz uma ponte que transporta o leitor para o fim do século XIX até 1974, apresentando uma outra narrativa que foge da historiografia oficial e propicia o nascimento de novas formas de pensamento.

2. LEVANTADO DO CHÃO: ENTRE A REALIDADE E A FICCTICIDADE

Levantado do Chão é o terceiro romance publicado por José Saramago, em 1980, e que narra a história de uma família, os Mau-Tempo, desde o final do século XIX até pouco depois da Revolução dos Cravos¹. Iniciando com o foco sobretudo em Domingos Mau-Tempo e sua esposa, Sara da Conceição, o livro acompanha a família de lavradores e, posteriormente, João Mau-Tempo, filho destes e personagem de maior presença durante a obra. Por meio deles e outras pessoas ficcionais, moradores principalmente de Montemor-o-Novo, Saramago utiliza do livro como meio para denunciar e aclarar as mazelas e sofrimentos enfrentados por lavradores, explorados pelos latifundiários - Bertos e suas derivações - e vítimas também de um período histórico sombrio e marcadamente violento: o Estado Novo português².

A temática em *Levantado do Chão* é diversa e abrange, por exemplo, a inferiorização das mulheres, as dificuldades decorrentes da falta de direitos trabalhistas, a censura e violência impostas pela ditadura e a exploração da mão-de-obra em uma região latifundiária. A partir do aparato ficcional da obra, o leitor expande o conhecimento sobre a realidade do local retratado e sobre a história de Portugal, acompanhando grupos que historicamente foram subalternizados, como a classe dos trabalhadores representada principalmente por João Mau-Tempo: trabalhador desde criança, carregando o estigma que seu nome tinha pelo passado de um pai alcoólatra e suicida, lavrador, sofrendo com a incerteza do trabalho e fome, e com a censura às tentativas de greve ou manifestações políticas.

Teresa Cristina Cerdeira, no capítulo “Levantado do Chão: no mar do latifúndio, uma epopeia campesina” aponta que:

Mudou-se também o projecto do homem. Cumpriu-se o mar, falta cumprir-se a terra. Os marinheiros garantiram para Portugal um passado glorioso que ofuscou por séculos a degradação do presente, saudosista e messiânico, vivendo do espectáculo da glória de ontem e da utopia do milagre futuro. Na descoberta de que o hoje era simplesmente escamoteado por essas duas falsas sombras desfigurantes, está toda a aventura do livro. Acordar para o presente foi, enfim, acordar para a terra, para esse mar interior do latifúndio

¹ Revolução dos Cravos é o nome dado para o 25 de abril de 1974, data que marca o fim da ditadura em Portugal.

² Estado Novo é uma denominação para a ditadura em Portugal, iniciada em 28 de maio de 1926, liderada por Antônio de Oliveira Salazar e feita por meio de um golpe de Estado realizado pelos militares.

onde os homens sofrem e lutam sem os padrões do passado, sem o nevoeiro luminoso de um eterno porvir. (Cerdeira, 1989, p. 194).

O trabalho neste momento tem como objetivo, portanto, explorar o enredo do livro de forma a mostrar como se dá na obra essa abertura para a história do “mar interior do latifúndio”, com as lutas e sofrimentos refletidos principalmente na família Mau-Tempo, configurando assim, como diz Cerdeira, uma epopeia campesina. Será explorado a relação dos elementos de *Levantado do Chão* com a realidade, de forma a criar uma ligação entre a criação ficcional de José Saramago e a história do período retratado, mostrando traços de testamento e testemunho na história. Também será abordado sobre as inspirações do movimento neorrealista presentes no livro e utilizadas para a criação dele.

A narrativa é cronológica e inicia-se com Domingos Mau-Tempo e sua esposa Sara da Conceição, que engravidou para ter a permissão do pai para se casar. A vida do casal é marcada pelas mudanças constantes decorrentes do alcoolismo de Domingos, que leva a mulher e os filhos para outras terras na promessa de uma vida melhor e emprego, mas que sempre termina da mesma forma: “Domingos Mau-Tempo voltou ao seu, vinho, desleixo, pancadas, tratos maus de mão e de boca.” (Saramago, 1980, p. 46). A mulher vive condenada às violências cometidas pelo marido e pela inferiorização nos mais diversos sentidos: inferiorização e limitação das ocupações devido à sua posição feminina, subordinada financeiramente e sexualmente do marido e sofrendo com o peso da sua escolha matrimonial.

Domingos termina sua vida suicidando-se e, a partir disso, o foco narrativo e as responsabilidades da família passam para João Mau-Tempo, filho primogênito do casal: “Agora João Mau-Tempo é o homem da casa, o mais velho. Morgado sem morgadio, dono de coisa nenhuma, pequena é a sombra que faz no chão” (Saramago, 1980, p. 55).

João, reflexo das dificuldades enfrentadas no latifúndio ao longo do livro, começa a trabalhar desde criança e viverá em busca de trabalhos que garantam apenas a subsistência, sua e de sua família, e será vítima de diversas violências e explorações sofridas também por todos de sua mesma classe:

Os homens vão trabalhar para longe, onde se pode ganhar mais algum dinheiro. No fundo, são todos malteses, andam por aqui e por ali, e voltam a casa semanas ou meses depois para fazer outro filho. Entretanto, nas arroteias de carvalheira, por conta dos seareiros, cada

pingo de suor é uma gota de sangue perdida, e os desgraçados todo o santo dia penando e às vezes de noite, contam-se as horas de trabalho pelos dedos de três mãos, quando não se tem de ir à quarta mão da besta enumerar o que falta, não se lhes enxuga a roupa no corpo durante toda a quinzena. Para descansar, se tal verbo tem cabimento, deitam-se numa cama de carqueja com palha por cima, e pela noite fora gemem, sujos, pisados, assim não vale, não se pode acreditar no padre Agamedes que vem do seu almoço dominical em casa de Floriberto, e bom almoço foi, como se comprova pelo arroto que ressoa no latifúndio (Saramago, 1980, p. 89).

No trecho acima é narrado como funciona a vida de homens trabalhadores no latifúndio, que andam a procura dos lugares, mesmo que distantes, que ofereçam emprego. Achando isso, enfrentam jornadas de trabalho abusivas e sem o mínimo de salubridade, além de não receberem um pagamento justo e que garanta o sustento de toda a família: “Senhor, o meu marido para o Verão já ganhará mais ordenado, depois faz contas consigo e paga-lhe o atrasado” (Saramago, 1980, p. 90-91). Aqui, há a fala de uma esposa para o dono de uma mercearia, pedindo fiado para conseguir um pouco de comida.

A falta de direitos trabalhistas implicava nessa gigantesca exploração da mão-de-obra dos lavradores, mas essa não era a única inferiorização que as pessoas sofriam. Durante o período histórico em que se passa o livro, as personagens eram submetidas também à censura política, ao serem obrigadas a participar de exaltações ao governo e oprimidos ao se manifestarem de forma contrária:

(...) mais dizemos que ao toque do clarim nos reunimos como um só homem em redor de Salazar, o génio que consagrou a sua vida, aqui tudo grita salazar salazar salazar, o génio que consagrou a sua vida ao serviço da pátria, contra a barbárie moscovita, contra esses comunistas malditos que ameaçam as nossas famílias, que matariam os vossos pais, que violariam as vossas esposas e filhas, que mandariam os vossos filhos para a Sibéria a trabalhos forçados, e destruiriam a santa madre igreja, pois todos eles são uns ateus (...) (Saramago, 1980, p. 102-103).

Os trabalhadores, nesse momento, foram convocados para ir a Évora em um comício que exaltaria a pátria portuguesa e Antônio de Oliveira Salazar, ditador que esteve no governo de 1932 até 1968.

As opressões atingiam também outras esferas e feriam os cidadãos de outra forma, como a partir da prisão e das torturas físicas e psicológicas. “Pois olhe que tenho aqui uma ordem do posto de Vendas Novas para o prender por comunista” (Saramago, 1980, p. 255) exemplifica uma dessas violências que, no trecho citada, é sofrida por João Mau-Tempo. Ele é vítima da censura política, preso, levado a Lisboa

e torturado pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a PIDE, polícia política que atuou durante a ditadura em Portugal. Neste momento, o livro retrata as prisões realizadas de uma forma muito rápida, sem provas dos crimes, e os momentos de agonia e sofrimento dentro da prisão, levando para a ficção formas de tortura que realmente existiram. A estátua, por exemplo, foi uma forma realmente utilizada pela PIDE que consistia em manter o preso de pé, com os braços esticados pelo maior número de horas possível: “João Mau-Tempo vai fazer setenta e duas horas de estátua. Vão-se-lhe inchar as pernas, terá vertigens, será espancado com a régua e com o cacete, sem muita força, mas para aleijar, de cada vez que as pernas cederem.” (Saramago, 1980, p. 270).

A partir desse breve panorama das tramas retratadas dentro da narrativa ficcional de *Levantado do Chão*, explorando a realidade dos lavradores dentro da região do Ribatejo, constata-se que Saramago consegue representar pessoas reais que, com nomes, datas e histórias diferentes, sofreram dos mesmos maus que os Mau-Tempo, por exemplo.

O livro, partindo de personagens ficcionais, propõe ao leitor um preenchimento das lacunas que a historiografia oficial, registrada, deixou. Há, desta forma, uma atenção para grupos inferiorizados por anos de exploração, nas suas mais diversas formas, dando a estes a sua representação e sua voz por meio da literatura. Isto é dito por Cerdeira:

Nesse sentido, os Mau-Tempo fazem parte da ficção e da história. São ficção quando personagens de uma trama que se ordena desta ou daquela forma pela vontade do criador. São história quando compostos com dados que coerentemente dão conta da vida de outros personagens a quem se assemelham e que, portanto, são capazes de representar. Além disso, as experiências individuais e coletivas por eles vividas - fome, miséria, opressão - são circunscritas por factos históricos que compõem o quadro português no nosso século. (Cerdeira, 1989, p. 197).

Portanto, o livro se ordena seguindo os fatos históricos do período em que se insere e utilizando de personagens ficcionais, inseridas nesse recorte espacial e temporal, para demonstrar como era a realidade dos trabalhadores rurais durante a República implantada em 1910 e, depois, no Estado Novo português.

2.1. O testamento e o testemunho

A relação entre realidade e ficção presente no livro de Saramago faz com que o romance seja um testemunho de uma época. Segundo Márcio Seligmann-Silva, em *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*, é apontado como, a partir da autoconsciência de que atualmente vivemos em um espaço de continuidade da empresa colonial e suas consequências, perpetuando, entre outras coisas, o silenciamento de determinados grupos, é necessário abrir-se para a escuta dos que foram (e são ainda) recalcados. Além disso, no século anterior com a ascensão de regimes ditatoriais e os genocídios que ocorreram, houve uma maior atenção para a chamada “literatura testemunhal”, que pretende utilizar a palavra e a literatura para preencher os vazios daquelas histórias que não foram contadas e daquelas pessoas que foram marginalizadas, oprimidas e dizimadas, por vezes.

Essa face da literatura é mais utilizada a partir do século XX que foi palco das duas Grandes Guerras e no qual houve o extermínio de diversos grupos sociais. Essa compreende o artifício ficcional para aclarar fatos históricos nebulosos e representar os males sofridos por grupos que não puderam sobreviver para contar suas próprias histórias. Essa literatura que narra eventos extremos e dá palco para grupos excluídos pode ser realizada de duas maneiras: com a escrita dos que passaram pela situação, executando um testemunho, ou pela escrita de quem não passou, mas carrega a necessidade de narrar e de buscar uma reparação, numa lógica de testemunho. É nesta concepção que está *Levantado do Chão*: o testemunho de uma época que demanda por justiça ou pela restituição da memória dos que sofreram no latifúndio.

Dentro de *Levantado do Chão*, a única personagem com nome não ficcional é Germano Santos Vidigal, sindicalista que foi morto durante a ditadura salazarista, em 28 de maio de 1945, ao ser torturado por agentes da PIDE. O caso aconteceu após uma concentração em Montemor-o-Novo de camponeses em busca de aumento salarial, em que vários foram presos, alguns liberados, mas Germano, por exemplo, acabou morto.

Primeiramente, o narrador deixa claro ao leitor como há um compromisso, uma necessidade de mostrar o que se passará com o torturado. É preciso, a partir do modelo de literatura utilizado na obra, narrar e aclarar o que aconteceu com aqueles que não sobreviveram para contar suas histórias, cabendo ao romance carregar a herança de uma necessidade de narrativa. Isto se mostra nas linhas:

Se ficássemos deste lado de cá, se fôssemos atrás da mulher Cesaltina e nos déssemos, por exemplo, a brincar com o filho, quem é que não gosta de crianças, ficaríamos sem saber o que se vai passar, e isso de modo nenhum faremos.” (Saramago, 1980, p. 181).

Entretanto, a obra se recusa a utilizar da visão dos opressores, para narrar, e a vítima foi morta, o que parece tornar a narração da cena algo impossível. Então, para isso, o capítulo é todo retratado a partir da visão de formigas, que são testemunhas, espectadoras e portanto narradoras do que ocorreu:

Lavra grande indignação entre as formigas, que assistiram a tudo, ora umas, ora outras, mas entretanto juntaram-se e juntaram o que viram, têm a verdade inteira, até a formiga maior, que foi a última a ver-lhe o rosto, em grande plano, como uma gigantesca paisagem, e é sabido que as paisagens morrem porque as matam, não porque se suicidam. (Saramago, 1980, p. 191).

Há, assim, dentro deste capítulo uma literatura testemunhal, um relato de quem viveu a cena histórica e que portanto narra com fidelidade, vendo tudo de fora.

Levantado do Chão, inclusive, é dedicado à memória de Germano Vidigal e José Adelino dos Santos, outro trabalhador que foi morto em 23 de junho de 1958, em Montemor-o-Novo, atingido por um tiro após uma manifestação.

Sendo assim, *Levantado do Chão* pode ser entendida como uma obra que carrega a tensão entre o real e o ficcional, utilizando de fatos históricos e preenchendo-os com, em sua maioria, personagens inventadas. Desta forma, cumpre-se o objetivo de demonstrar como era a vida rural em Portugal por meio de uma literatura que faz o depoimento de uma época.

Para reforçar sua ficticidade, José Saramago, em seus diários publicados como *Cadernos de Lanzarote*, escreve, no dia 5 de janeiro de 1994, o seguinte ao receber uma carta de uma aluna que, em sua tese de mestrado, vai analisar a relação entre a historiografia e a obra do autor:

Os professores têm razão, o autor do Memorial não escreveu um livro de história e não tem nada a certeza de que a sociedade portuguesa do tempo fosse, realmente, como a retratou, embora, até ao dia que estamos, e já onze anos completos são passados, nenhum historiador tivesse apontado ao livro graves erros de facto ou interpretação. Resta saber se é aí que se encontra o problema, se não estaria antes na necessidade de averiguar que parte da ficção entra, visível ou subterrânea, na substância já de si compósita do que chamamos história, e também, questão não menos sedutora, que sinais

profundos a história, como tal, vai deixando, a cada passo, na literatura em geral e na ficção em particular. (Saramago, 1994, p. 161).

No trecho é citado outro livro do autor, *Memorial do Convento* (1980), porém a reflexão acerca da história e o papel da literatura é pertinente para a atual análise também. Segundo o próprio escritor, ele não é um romancista histórico e não pretende perpetuar em suas obras a narrativa historiográfica tida como oficial, que por muitas vezes silenciou alguns grupos. Quer, na verdade, aproveitar desta fonte para a criação de sua literatura e focalizar grupos subalternos, concebendo outras visões de um determinado período histórico - no caso do livro analisado no presente trabalho, Portugal durante a ditadura salazarista e anterior a uma reforma agrária realizada efetivamente.

Portanto, *Levantado do Chão*, de José Saramago, pretende utilizar de focalizações em grupos subalternos, em pessoas que não estão inscritas na historiografia oficial, a partir do aparato ficcional. A obra, depoimento de uma época, serve como um aparato para compreender a realidade histórica de Portugal durante o século XX, entendendo as relações desiguais de poder e as condições de vida dentro de uma estrutura latifundiária.

2.2. Saramago e o impulso neorrealista

José Saramago, no discurso para a Academia Sueca em 7 de dezembro de 1998, fez uma recapitulação de sua trajetória como escritor e suas inspirações até aquele momento. No discurso, relembra inicialmente a vida dos avós maternos, Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha.

Eram analfabetos, viviam de criação de porcos e eram moradores da aldeia Azinhaga, na região do Ribatejo, esses avós são a primeira fonte de inspiração para o escritor e fonte de admiração pela sensibilidade e inteligência, estas que independem do nível de escolaridades que tiveram.

Saramago inicia a sua carreira exclusivamente como escritor na década de 1970, após vários anos trabalhando como servidor público e publicando textos em diversos jornais como no Diário de Lisboa. Com isso, retoma as memórias e experiências da infância, combustível para a escrita das obras, não havendo, desta forma, uma separação completa entre a criação ficcional e a vida:

Ao pintar os meus pais e os meus avós com tintas de literatura, transformando-os, de simples pessoas de carne e osso que haviam sido, em personagens novamente e de outro modo construtoras da minha vida, estava, sem o perceber, a traçar o caminho por onde as personagens que viesse a inventar, as outras, as efectivamente literárias, iriam fabricar e trazer-me os materiais e as ferramentas que, finalmente, no bom e no menos bom, no bastante e no insuficiente, no ganho e no perdido, naquilo que é defeito mas também naquilo que é excesso, acabariam por fazer de mim a pessoa em que hoje me reconheço: criador dessas personagens, mas, ao mesmo tempo, criatura delas. (Saramago, 1998, p. 4).

Tal junção entre realidade e literatura se fez necessária também para a criação de *Levantado do Chão*. Saramago passou o período entre 18 de março e 2 de maio de 1976 na vila do Lavre, concelho de Montemor-o-Novo, para iniciar a escrita da obra.

Vieram depois os homens e as mulheres do Alentejo, aquela mesma irmandade de condenados da terra a que pertenceram o meu avô Jerónimo e a minha avó Josefa, camponeses rudes obrigados a alugar a força dos braços a troco de um salário e de condições de trabalho que só mereceriam o nome de infames, cobrando por menos que nada a vida a que os seres cultos e civilizados que nos prezamos de ser apreciamos chamar, segundo as ocasiões, preciosa, sagrada ou sublime. Gente popular que conheci, enganada por uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terra-tenentes latifundistas, gente permanentemente vigiada pela polícia, gente, quantas e quantas vezes, vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa. (Saramago, 1998, p.5).

Então, vê-se que o componente histórico e uma pesquisa a fundo na realidade em uma região rural, a partir das experiências vividas pelo autor, mas também pelo conhecimento de outras pessoas dentro da localidade propiciaram a criação do livro.

A partir do trecho citado acima, mostra-se também como há um apelo político na obra e como ela serve como um artifício de denúncia social, algo propiciado pela abordagem, no século XX, de uma literatura marxista e com ecos do movimento artístico chamado Neorrealismo, havendo assim uma ligação entre literatura e política. Ana Leticia Fauri em “Levantado do Chão: o romance como recuperação da história”(2017), aponta como a ficção criada por Saramago ultrapassa a história e “constrói-se como um modo próprio de contar, numa espécie de discurso contra-ideológico” (Fauri, 2017, p. 159), e esta inspiração para refazer a história é influenciada pela literatura marxista.

Em *Levantado do Chão*, o padre Agamedes é uma personagem que aparece durante toda a obra como o representante da Igreja naquela região, desde os tempos

de Domingos Mau-Tempo até depois do 25 de abril de 1974. O nome é sempre o mesmo, o que demonstra como “as pessoas não são eternas, mas é eterno que elas representam” (Cerdeira, 1989, p. 209), e que dessa forma há, em todo o tempo retratado no livro, a existência de um líder religioso para comandar a região do latifúndio retratado.

Este beneficia-se da sua boa relação com os latifundiários - Lamberto, Dagoberto, Alberto, Floriberto, Norberto, Berto, Sigisberto, Adalberto, Angilberto, Gilberto, Ansberto, Contraberto - e a partir do discurso religioso há a tentativa de acomodação dos trabalhadores a situação miserável vivida, tida como algo natural para o Estado e para a Igreja, e também para a imposição do discurso ditatorial como algo natural. No trecho abaixo, uma fala do padre Agamedes, é possível ver como o discurso religioso pretendia resignar os lavradores a situação abusiva de trabalho, havendo assim uma relação entre Igreja e latifundiários:

(...) e é por isso que não cansarei de vos dizer que deveis dar atenção e obedecer aos que mais sabem da vida e do mundo, olhai a guarda como vosso anjo da guarda, não lhe guardeis rancor, que até o pai é às vezes obrigado a bater no filho a quem tanto quer e ama, e todos nós sabemos que mais tarde dirá, Foi para meu bem, só se perderam as que caíram no chão, assim, meus filhos, é a guarda, e já nem falo das outras autoridades civis e militares, o senhor presidente da câmara, o senhor comandante do regimento, o senhor governador civil, o senhor comandante da legião, e outros senhores que têm encargo de mandar, a começar por quem vos da trabalho, sim, que seria de vós se não houvesse quem vos desse trabalho (...) (Saramago, 1980, p. 127-128).

O livro, desta forma, critica todo o contexto político em que se envolvem e se beneficiam Igreja e latifúndio mutuamente, além de mostrar ao longo da história fictícia como o lema “Deus, Pátria e Família” funcionava na prática durante a ditadura salazarista: Deus, representado pela Igreja católica e, no livro, pelo padre Agamedes; Pátria, como a união entre Salazar e latifundiários, sobretudo; e Família como o pilar que deve sustentar e aceitar todo esse sistema - “(...) que considerem e aceitem que o mundo não pode ser mudado, que este mundo é o único possível, tal como está, que só depois de morrer haverá paraíso (...)” (Saramago, 1980, p. 79).

António Pedro Pita, no texto “Mudar a vida” precisa da arte?, apresenta uma relação entre a política e a arte e como esta é necessária para a construção de novas formas de pensamento, distintas das anteriores:

“Mudar a vida” precisa da arte? Sim: é a arte que cria as condições imateriais da existência; a confluência das artes, da filosofia e da linguagem num enigmático, incerto e heterogêneo comum é o elemento fundamental da criação de uma nova civilização. Não: não há um arte de transição, não há uma arte capaz de acelerar a revolução pela antecipação dos valores ou dos imaginários próprios das sociedades revolucionárias; a politicidade da arte não é prospetiva. É enquanto linguagem capaz de estabilizar e consolidar ou, pelo contrário, desarticular e subverter a própria enunciação e organização do pensamento e do sentimento – que a arte, as artes se tornam mais profundamente políticas. O movimento do real na sua facticidade, na sua nudez precisa do dispositivo ficcional da arte. (Pita, 2013, p. 68).

Portanto, para a realização dessa obra crítica e política, José Saramago utiliza de inspirações neorrealistas, movimento literário das décadas iniciais do século XX. Por isso, descreve-se a realidade do período histórico a partir de uma crítica para, desta forma, pensar uma mudança política - “Não é pouca coisa que a arte seja, antes de mais, isso: o que desencadeia uma mudança do tempo, uma mudança da experiência do tempo.” (Pita, 2013, p. 73).

Tal perspectiva de mudança aparece no final da obra com a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, marco final da ditadura em Portugal - “É porém certo que o governo foi deitado abaixo.” (Saramago, 1980, p. 380). A Revolução não é citada na obra de uma forma idealizada, já que mesmo após isso os latifundiários mantiveram alguma forma de opressão contra os trabalhadores - “Não há trabalho, que é isto, que libertação foi esta, então já se fala que vai acabar a guerra em África e não acaba esta do latifúndio” (Saramago, 1980, p. 387).

A mudança e criação de novos horizontes é feita, com o 25 de abril, mas também com a ação de homens comuns e subalternos, que no último capítulo do livro vão ocupar as terras para trabalhar:

(...) porque de todos estes lugares percorridos e ocupados, montes, salas, adegas, estábulos, cavalariças, palheiros, malhadas, cantos, cantinhos e escaninhos, pocilgas e capoeiras, cisternas e tanques de rega, nem falando nem cantando, nem calando nem chorando, estão Norbertos e Gilbertos ausentes, para onde foram, sabe-se lá. A guarda não sai do posto, os anjos varrem o céu, é dia de revolução, quantos são. (Saramago, 1980, p. 395-396).

Além disso, a crítica e mudança política presente na obra mostra-se também na escolha dos nomes das personagens. Segundo Josailton Fernandes de Mendonça

(2016), no artigo “A semântica dos nomes próprios numa abordagem metalinguística”, existe uma relação entre o nome e a descrição a que ele se reporta.

Domingos Mau-Tempo, o primeiro personagem dessa família que aparece na obra, passa para o filho João a herança de uma vida marcada pela falta de dinheiro, de oportunidades e violências. Essas questões permanecem na vida do filho, de maneiras diferentes que as do pai, mas que coincidem na miséria. João Mau-Tempo vive ao longo de toda a obra sob a ameaça da fome devido ao trabalho mal remunerado, preso e torturado por causa da censura e opressão do Estado Novo português e sujeito às violências dos latifundiários. Portanto, o Mau-Tempo vai para além do sobrenome e descreve uma situação de vida nas pessoas dessa família.

João e Faustina Mau-Tempo, sua esposa, têm três filhos: Antônio, Gracinda e Amélia Mau-Tempo. Gracinda, posteriormente, se casará com Manuel Espada, trabalhador rural que em sua primeira aparição no livro se recusa a trabalhar nas condições que estava, com uma máquina debulhadora - “Vou-me embora, que isto não é trabalho, é morrer.” (Saramago, 1980, p. 109). Manuel, ao longo da história, participará também de movimentações em busca de salários melhores e será preso junto com João Mau-Tempo, e é no momento de soltura que conhecerá Gracinda.

Após o casamento, Gracinda Mau-Tempo vira Gracinda Espada, que terá a filha Maria Adelaide Espada. A mudança de sobrenome é simbólica, sobretudo com o nascimento de Maria Adelaide, pois coincide também com um período de renovação política - “depois se Maria Adelaide começar a chorar não se admirem, chorará nesta mesma noite quando ouvir dizer na rádio, Viva Portugal” (Saramago, 1980, p. 383).

No capítulo final da obra, os trabalhadores ocupam terras e Portugal, após a Revolução dos Cravos, passa por uma reforma agrária que beneficia justamente o grupo representado em *Levantado do Chão*: os trabalhadores rurais.

Portanto, a mudança de Mau-Tempo para Espada simboliza uma abertura de novos horizontes em que as condições de vida e trabalho melhoram, a partir da queda de um regime fascista e a maior liberdade para os lavradores descritos na obra.

Os nomes também são simbólicos para os latifundiários, já que são todos nomes semelhantes com a terminação “berto”. Com isso, há uma classe específica de nomes que designam exatamente as pessoas que estão no topo da hierarquia social da época no livro:

que admiração é essa terem tão parecidos nomes, é o mesmo que dizer latifúndio e dono dele, os outros batismos pouco contam, por isso o feitor não diz nomes, diz os outros, e ninguém vai perguntar que outros são esses, só gente da cidade cairia na inocência. (Saramago, 1980, p. 213).

Portanto, *Levantado do Chão*, de José Saramago, carrega traços do movimento Neorrealista ao retratar de forma crítica e política a realidade em Portugal durante o século XX. A obra, construída com personagens ficticiais, abre espaço no discurso literário para grupos subalternos e situações reais que foram excluídas da historiografia oficial e, desta forma, “reelabora e dá significado a uma parcela da história portuguesa” (Fauri, 2017, p. 159).

3. A posição feminina em *Levantado do Chão*

Levantado do Chão é uma obra crítica que representa a vida de grupos subalternos no latifúndio, durante o final do século XIX até a Revolução dos Cravos. Com traços realistas, a obra focaliza grupos subalternos, como os homens trabalhadores rurais. Porém, a obra também representa mulheres em diversas posições, mas que coincidem por sempre estarem submissas em relação ao homem: “De mulheres nem vale a pena falar, tão constante é o seu fado de parideiras e animais de carga” (Saramago, 1980, p. 134).

A partir disso, a obra continua com a função de preencher as lacunas da história e, desta forma, suscita no leitor o questionamento de que espaço cabe às mulheres, dentro de uma sociedade portuguesa construída mitologicamente como essencialmente rural. Fernando Rosas, em “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo” (2001), explica como a propaganda do governo de Salazar utilizou de alguns mitos para fomentar determinados sentimentos e criar um modelo de “homem novo” português, de acordo com os moldes desejados pela ditadura. Entre esses estava o mito da ruralidade, que dizia que Portugal era um país essencialmente rural, traço tido “como uma característica e uma virtude específica, donde se bebiam as verdadeiras qualidades da raça e onde se temperava o ser nacional.” (Rosas, 2001, p. 5). A utilização desse ideário para a construção de uma identidade nacional que exaltava a terra como fonte de riquezas serviu como argumento para a perpetuação da atividade rural, mesmo que de forma insalubre e com más remunerações, como no caso da realidade retratada em *Levantado do Chão*.

Então, há o questionamento de qual espaço cabe às mulheres dentro dessa sociedade e quais papéis elas desempenham, já que há uma hierarquia em que os homens trabalhadores rurais já são inferiorizados e silenciados e as mulheres, inferiores também em relação a estes, em uma posição de submissão. Silvia Federici, em *Calibã e a Bruxa* (2004), comenta que enquanto os homens alcançaram algum grau, mesmo que baixo, de liberdade, “as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão.” (Federici, 2004, p. 27). O livro de Saramago se apresenta como uma lente em que pode-se ver essa condição da mulher, de acordo com as especificidades portuguesas,

colocada na posição mais inferior e sem liberdades entre todos da sociedade latifundiária narrada.

Além disso, Teresa Cristina Cerdeira, em *Formas de ler: a literatura e a biblioteca, a literatura e o tempo, a literatura e o corpo (2020)*, aponta que recai sobre as mulheres estereótipos que as tornam subalternas sexualmente, socialmente e culturalmente:

Transformadas em objetos de uso, de trabalho e de prazer, às mulheres cabiam a passividade e a subserviência que, longe de se perderem num remoto século XVII, continuaram a modelar as relações dos seres em sociedade, de tal modo que essa força repressora das vontades se alastrou metaforicamente até o século XX, onde o ideário do Estado Novo se assentou. (Cerdeira, 2020, p. 111)

A obra de Federici e a crítica de Cerdeira explicam as formas de opressão e como era a realidade das mulheres e, portanto, importantes para a análise das personagens femininas presentes na obra de José Saramago. No presente capítulo serão analisadas algumas personagens femininas da obra e como a violência, opressão e subalternidade se manifestam em suas vidas. As personagens femininas que terão foco no atual trabalho serão a mulher estuprada, Sara da Conceição, Faustina Mau-Tempo, Gracinda Espada e Maria Adelaide.

Primeiramente é importante retomar a história das mulheres e sua posição dentro da sociedade. Em *Calibã e a Bruxa (2004)*, a historiadora faz uma análise sobre a posição feminina na sociedade, retomando ao feudalismo e refletindo sobre a acumulação primitiva do capital, um termo que descreve as condições e mudanças que propiciaram o surgimento e permanência do capitalismo e que levou a perda de espaço das mulheres. O termo foi inicialmente usado por Karl Marx, porém, a autora se diferencia dele ao pensar nesse processo inserindo as mulheres nele. Portanto, alguns fenômenos para a acumulação primitiva foram: uma nova divisão sexual do trabalho; uma ordem patriarcal que subordina as mulheres aos homens e as limitam ao trabalho doméstico; a transformação do corpo proletário em uma máquina para produzir novos trabalhadores e a caça às bruxas dos séculos XVI e XVII.

Dito isso, a autora faz uma análise de como todos esses fatores contribuíram para a mulher estar na posição que pode ser vista em *Levantado do Chão*, sempre inferior ao homem, servindo a ele - sexualmente, domesticamente, socialmente - e com um

discurso governamental que fomentava isso. Além disso, a exploração está ligada também com um processo de povoamento e expansão de uma determinada região:

Cada fase da globalização capitalista, incluindo a atual, vem acompanhada de um retorno aos aspectos mais violentos da acumulação primitiva, o que mostra que a contínua expulsão dos camponeses da terra, a guerra e o saque em escala global e a degradação das mulheres são condições necessárias para a existência do capitalismo em qualquer época. (Federici, 2004, p.27).

Pode-se relacionar o trecho transcrito a uma personagem importante em *Levantado do Chão*: uma mulher, sem nome, que foi estuprada. Em meados do século XV, o rei Dom João I deixou a encargo de Lamberto Horques Alemão a tarefa de povoar a terra na região de Monte Lavre. Um dia, um outro alemão que viera junto com Lamberto cometeu o abuso em uma fonte de água. A vítima engravidou e, a partir daí, começaram a nascer, crianças com os olhos azuis na região do Ribatejo, mesmo que na família ninguém tenha os olhos azuis. Isso aconteceu com João Mau-Tempo, que herdou os olhos azuis não de seus pais, mas sim das cicatrizes deixadas por um abuso ocorrido quinhentos anos antes:

Já de vontade não fora aquela outra rapariga, quase quinhentos anos antes, que estando um dia sozinha na fonte a encher sua infusa, viu chegar-se um daqueles estrangeiros que viera com Lamberto Horques Alemão, alcaide-mor de Monte Lavre por mercê do rei Dom João o primeiro, gente de falar desentendido, e que, desatendendo aos gritos e rogos da donzela, a levou para uma espessura de fetos onde, a seu prazer, a forçou. Era um galhardo homem de pele branca e olhos azuis, que não tinha outra culpa que o atizado do sangue, mas ela não foi capaz de lhe querer bem e sozinha pariu como pôde ao fim do tempo. Assim, durante quatro séculos estes olhos azuis vindos da Germânia apareceram e desapareceram, tal como os cometas que se perdem no caminho e regressam quando com eles já se não conta, ou simplesmente porque ninguém cuidou de registrar as passagens e descobrir sua regularidade. (Saramago, 1980, p. 23).

O episódio retratado demonstra como, durante as fases de avanço e consolidação do capitalismo, o corpo feminino é explorado, degradado e utilizado como instrumento para isso.

Primeiramente, é importante ressaltar que a escolha por não dar um nome para essa personagem pode ser entendida como um artifício para mostrar que não foi um evento isolado, uma violência única: diversas mulheres, sem seus nomes na história, sofreram abusos iguais ou semelhantes. A personagem serve como representação

das diversas vozes caladas e violentadas por homens, superiores dentro de um regime patriarcal e, sobretudo, durante fases de avanço capitalista, como cita Federici. O trecho a seguir reforça essa ideia:

Tinha, como sabemos, olhos azuis, herdados do seu quadricentenário avô, que ali bem perto, sobre uns fetos antepassados destes, forçara a rapariga que fora só por água à fonte, à vista de pássaros de plumagem que não variou, olhando lá de cima os dois a debater-se na verdura, quantas vezes isto já foi contemplado pelas aéreas criaturas desde o princípio do mundo. (Saramago, 1980, p. 67).

A utilização do “quantas vezes” no parágrafo mostra como é uma violência recorrente, não só naquele momento em que se passa a cena na obra - meados do século XV - mas “desde o princípio do mundo”. Também, a escolha de palavras demonstra como a violência não tem um espaço certo, podendo ocorrer em qualquer lugar ou momento, como à vista dos pássaros em uma fonte de água, uma paisagem calma, amena e bonita, o que constrói ainda mais a noção de imprevisibilidade e crueldade do estupro.

Ainda nessa relação entre a violência e a natureza perceptível em *Levantado do Chão*, há uma semelhança entre a terra e o corpo feminino quanto à possibilidade de utilização destes de acordo com o desejo de quem domina. No primeiro capítulo, é colocado, numa oposição aos elementos da natureza que morrem naturalmente: “Não é tal o caso do trigo, que ainda com alguma vida é cortado. Nem do sobreiro, que vivíssimo, embora por sua gravidade o não pareça, se lhe arranca a pele. Aos gritos.” (Saramago, 1980, p. 9). Além disso, é colocado como o latifúndio é uma fonte gigante de dinheiro e, conseqüentemente, prazer, para aqueles que as têm: “Madre de tetas grossas, para grandes e ávidas bocas, matriz, terra dividida do maior para o grande” (Saramago, 1980, p. 12). Portanto, vê-se que o latifúndio é uma fonte inesgotável para aqueles poucos que o detém, podendo ser utilizado, cultivado e cortado como for decidido entre esses donos, os Bertos.

De semelhante modo, o corpo feminino é também utilizado a partir da vontade de outros homens, donos não oficiais das liberdades de mulheres:

Era senhora da povoação e seu termo, dez léguas de comprido e três de largo, com franqueza e liberdade de tributo, e embora tivesse recebido o encargo de povoar a terra, não foi por seu mandado que na fonte foi a moça forçada, mas tendo assim calhado, melhor. Ele próprio, ali com sua mulher honrada e já seus filhos, haveria de espalhar semente aonde lhe aprouvesse, por gozo vagante de seu

sentido, Que esta terra assim desabitada não pode estar, pois de um lado ao outro do senhorio se contam pelos dedos os lugares e pelos cabelos da cabeça os matos da brava natureza, Sabei, senhor, que estas mulheres são escuras, restos danados da mourisma, e os homens calados e às vezes vingativos, ademais que não vos chamou el-rei nosso senhor para fecundardes e procriardes como Salomão, mas para que cuidásseis da terra e a regêsseis, em modo de a ela vir gente e nela se fixar (...) (Saramago, 1980, p. 25-26).

Na citação, que mostra um momento de pensamento de Lamberto Horques, nota-se a superioridade com que enxerga as mulheres, já que ele mesmo “haveria de espalhar sementes aonde lhe aprouvesse”, de forma que o corpo feminino é visto como um objeto à disposição para o prazer sexual. Da mesma forma que o trigo e o sobreiro, vivos, têm sua vida arrancada, a mulher tem o seu corpo violado, também aos gritos.

No trecho vê-se também que as mulheres serem “escuras, restos danados da mourisma” é utilizado como justificativa para o estupro dessas mulheres, subalternas e proibidas do direito até ao próprio corpo. O pensamento de povoar uma nova terra com pessoas “limpas” junta-se ao desejo de posse sobre o corpo feminino, de satisfação sexual e forma a situação ideal para o abuso.

Portanto há, dentro desse episódio, a constatação de como havia uma superioridade pela regionalidade e por uma questão de classe: o abuso por parte de um homem, alemão, cumprindo uma função governamental de ocupar uma região despovoada. A exploração do corpo feminino é ainda mais presente para as mulheres pobres, que carregam, além do fardo da inferiorização por serem mulheres, o fardo da inferiorização pela classe social. Teresa Cristina Cerdeira, no capítulo *Levantado do Chão: no mar do latifúndio, uma epopeia campesina* (1989), aponta que são os latifundiários, estes Bertos, descendentes de Lamberto e ele próprio, que têm direito a escolha, enquanto os outros apenas são submetidas a suas vontades - “A liberdade parece ser dom unicamente dos ricos, dos que manejam os cordéis desse teatro social, onde os actores não têm vontade própria e se tornam simples marionetas sob seu comando.” (Cerdeira, 1989, p. 202).

As marionetas dentro da obra se refletem em todos que não os Bertos e o padre Agamedes dentro da estrutura latifundiária da obra, mas se torna ainda mais violento para as mulheres, como fica claro pelo estupro.

Juntam-se, portanto, a superioridade masculina relacionada ao falo e também pela classe social e a mulher é vista como objeto livre de vontades e direitos, existente

apenas para a satisfação de outrem. A subalternidade sexual, citada por Cerdeira, se mostra de forma muito marcante com essa personagem.

Além disso, após a gravidez advinda do estupro, o filho nasce com os olhos azuis, inexistentes na região até aquele momento. Depois disso, esses olhos voltarão a surgir esporadicamente, algo que se relaciona com a perpetuação das marcas da violência. Os olhos azuis no filho da vítima são uma marca que faz com que ela não se esqueça do que passou, ao olhar para a criança e lembrar de uma característica que veio de seu agressor. Os olhos em Portugal servem como artifício que lembra que a exploração do território Ribatejano se deu a partir de um estupro.

Portanto, a mulher abusada no início do livro é um retrato de uma violência comum a milhares de mulheres, usadas e esquecidas ao longo da história. Há, dentro da construção do livro, o reforço da ideia presente na época de superioridade e domínio masculino, além do avanço capitalista e territorial que utiliza do corpo feminino como mais um meio para isso.

Sara da Conceição é outra personagem feminina presente em *Levantado do Chão* que mostra como se dava a subalternidade feminina no Portugal latifundiário do século XX.

Sara começou um relacionamento com Domingos Mau-Tempo contra a vontade do pai, Laureano Carranca - “É um landim relaxado, com fama de bebêdo, e mal acabará” (Saramago, 1980, p. 22) - até que, após engravidar, argumento mais forte para o casamento de uma mulher, cedeu à vontade da filha.

Já nesse início de sua representação, a mulher está sempre sob o domínio de um homem: primeiro seu pai, depois seu marido, um dando permissão ao outro. Simone de Beauvoir, na obra *O Segundo Sexo (1949)*, comenta sobre como a mudança de estado civil altera apenas quem detém o poder sobre a mulher: “Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim entregando-se, passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor” (Beauvoir, 1949, p. 490).

Dentro da casa dos pais, sob o domínio paterno, ou casada, o trabalho doméstico é semelhante, cabendo à mulher a tarefa de cuidar da casa, das roupas, dos irmãos ou filhos. Uma grande diferença é que, depois do matrimônio, acrescenta-se o sexo como mais um dever.

O sexo na vida de Sara da Conceição estará dentro desse paradigma de obrigação:

Ali estiveram nem tanto como meia hora, deitados entre o trigo alto, e quando Domingos regressou às suas formas e Sara a casa dos pais, ele ia assobiando de comprazido e ela tremia como se o sol não queimasse já. E, quando atravessou a ribeira a vau, teve de ir agachar-se e lavar-se debaixo duns salgueiros porque o sangue não parava de escorrer-lhe pelas pernas. (Saramago, 1980, p. 22-23).

No trecho citado, em sua primeira relação com Domingos, vê-se como o sexo se difere para o homem e a mulher, sobretudo quando realizado pela primeira vez. Para ele, é um momento em que apenas o seu prazer importa, um caminho necessário para o gozo, enquanto que para ela é uma obrigação, servindo como um objeto à disposição para que ele alcance esse gozo. Independente das dores e do sentimento que o momento possa causar - “e ela tremia como se o sol não queimasse já” (Saramago, 1980, p. 23), é obrigatório que se realize. Federici, no texto *Sexualidade como Trabalho* (1975), aponta como o sexo é, para as mulheres, um dever. Há, ademais, a obrigação de tornar a relação prazerosa para o homem: “Mas a principal razão pela qual não podemos desfrutar do sexo é que, para as mulheres, o sexo é trabalho; dar prazer faz parte do que se espera de toda mulher.” (Federici, 1975, p. 2).

Após o casamento, o sexo continua para as mulheres algo que é uma extensão do trabalho doméstico. Os homens, cansados pelo trabalho ou por qualquer imprevisto, vêem a mulher e a penetração como uma válvula de liberação da emoções, e a mulher sempre tem que estar disposta a transar:

Como é esperado que nós forneçamos esse alívio, inevitavelmente nos tornamos o objeto sobre o qual os homens descarregam sua violência reprimida. Somos estupradas, tanto em nossas camas quanto nas ruas, precisamente porque fomos criadas para sermos as provedoras de satisfação sexual, as válvulas de segurança para tudo que dá errado, e os homens sempre foram autorizados a voltar sua raiva contra nós, se não estivermos à altura do papel, especialmente quando nos recusamos a performar. (Federici, 1975, p. 2).

Essa hierarquia dentro de casa, em que a mulher deve ser subalterna sexualmente, como citado por Cerdeira, é representado por Sara da Conceição: “Mulher, manda os filhos à lenha e as filhas ao rabisco da palha, e vem-te deitar, Sou a escrava do senhor, faça-se em mim a sua vontade” (Saramago, 1980, p. 35).

Consequência do sexo, vem a gravidez: dentro da realidade retratada em *Levantado do Chão*, as cinco gestações de Sara da Conceição perpetuam a miséria e o estigma carregado pelo nome Mau-Tempo e pelo histórico do pai, Domingos - “herdara o mau nome do pai, que estas coisas pegam-se, quem sai aos seus não degenera e o que mais costuma afirmar-se.” (Saramago, 1980, p. 73).

Sara viverá por um período subordinada também às mudanças de Domingos Mau-Tempo, que sempre vai à procura, segundo ele, de lugares melhores para se viver e com mais trabalho. Postos em uma nova região, a rotina do casal se repete: Domingos, vivendo constantemente bêbado e atrapalhando os próprios negócios de sapateiro, e por tudo isso que lhe causa desconforto, desconta a raiva batendo na esposa:

É um filho do vento, um maltês, Domingos do seu mau tempo, que voltou da taberna e entra em casa aos bordos de parede a parede, de má mente olha para o filho, e porque não me deste aquela palha, mulher malvada, toma para aprenderes. (Saramago, 1980, p.27).

Portanto, a vida de Sara da Conceição, enquanto uma mulher casada, é marcada por diversas formas de violência: sujeita a dar prazer para o homem, sempre que este quiser, sujeita às violências físicas, à instabilidade de moradia e condições de vida, vivendo sempre em função do lar, dos filhos, mas também cumprindo um papel de cuidadora do marido - “E não foi uma nem duas vezes que Sara da Conceição, tendo deixado o filho na vizinha, se meteu dentro da noite à procura do marido, reбуçando as lágrimas no lenço e na escuridão, de taberna em taberna (...)” (Saramago, 1980, p. 27-28).

Posteriormente, Domingos se suicidará e Sara vai viver com o irmão, Joaquim Carranca, continuando assim as posições pré-estabelecidas dentro de um lar. Os papéis domésticos continuaram os mesmos, sem o sexo, mas como o ambiente durante o casamento era extremamente violento, viver com o irmão acabou se tornando uma melhoria na vida da personagem:

Não foi pior do que poderia esperar-se, e talvez melhor. Deixaram os Mau-Tempo de pedir às portas e Joaquim Carranca ganhou quem lhe cuidasse das roupas, que é coisa que um homem não dispensa, e dos filhos, por acréscimo. E como não é costume bater irmão em irmã, mesmo que sim, não tanto como marido em mulher, melhor tempo começou para Sara da Conceição. Não faltará quem considere isto pouco. Diremos que são pessoas que nada sabem da vida (Saramago, 1980, p. 63).

Dessa forma, como apontado por Cerdeira, “Sara é o exemplo da mulher portuguesa do início do século, figura apagada de um exacerbado sistema patriarcal” (Cerdeira, 1989, p. 233). O peso de viver sempre sob o domínio de um homem, subordinada sexualmente, domesticamente e socialmente, seguirá até o fim da vida da personagem, quando ela enlouquece e em seu delírio sonha com o falecido marido e anda na rua durante as noites - “Deu agora em sonhar com o marido, quase não se passa uma noite sem que o veja deitado no chão do olival, com o vinco da corda marcado no pescoço (...)” (Saramago, 1980, p. 119).

A partir disso, Sara é internada no manicômio de Rilhafoles, onde morre - “rodeada pelo riso das enfermeiras, a quem a pobre tonta, humildemente, pedia uma garrafa de vinho (...)” (Saramago, 1980, p. 121).

Sendo assim, a vida da personagem Sara da Conceição reflete como era a vida de uma mulher no início do século XX em Portugal, sobretudo em uma região latifundiária. A inferioridade em relação ao homem, seja pai, marido ou irmão, e o trabalho restrito ao lar se estendendo até o sexo são características da vivência nesta estrutura patriarcal.

Outro ponto a se destacar é sobre como o discurso de António de Oliveira Salazar, o ditador em Portugal no período em que se passa o livro, endossava o papel da mulher restrito ao lar e de submissão. No livro *Oliveira Salazar : discursos e notas políticas 1928 a 1966 : obra completa (2015)*, que reúne os discursos do ditador, é dito que:

O trabalho da mulher fora do lar desagrega este, separa os membros da família, torna-os um pouco estranhos uns aos outros. Desaparece a vida em comum, sofre a obra educativa das crianças, diminui o número destas; e com o mau ou impossível funcionamento da economia doméstica, no arranjo da casa, no preparo da alimentação e do vestuário, verifica-se uma perda importante, raro materialmente compensada pelo salário percebido. (Salazar, 2015, p. 115).

Desta forma, a posição feminina era inferior por toda a agressão e sistema patriarcal, sofrendo violências de pais e maridos, mas que se justificava pelo discurso governamental da época, este representado na figura de Salazar, mas que se estendia para outros governantes, o que culminou em sua ascensão à presidência do conselho de ministros. Às mulheres, cabia o dever de manter o lar e o marido, este sim visto como trabalhador e provedor, em ordem sempre, mantendo a paz e a união.

Essa posição dentro da sociedade, de esposa, mãe e dona de casa, não se altera em outra personagem importante para o presente trabalho, Faustina Mau-Tempo. Porém, para ela, esposa de João Mau-Tempo, aparecem diferenças expressivas quanto ao tratamento dentro de casa na relação dentro do casamento.

Faustina, sem sobrenome descrito quando aparece na obra, conhece João Mau-Tempo durante bailes no Pendão das Mulheres e os dois se apaixonam. A relação, desde o início, tem uma cumplicidade e respeito inexistentes na relação de Sara da Conceição, citada anteriormente - “e João vinha conversando com Faustina, namoro de muito respeito, e ela, já temerosa do alarido doméstico que a esperava, confiava-se a ele de seus sofrimentos.” (Saramago, 1980, p. 74).

Uma grande semelhança entre as duas está na recusa da família a ceder as filhas ao casamento com um Mau-Tempo: Faustina, assim como Sara no início, depende da permissão do seu pai e sofre com as represálias deste, da mãe e da irmã quando descobrem o namoro, que até então o casal pretendia manter em segredo - “já Faustina lá estava, à espera, chorosa dos ralhos da irmã, do arrebatamento fulminador do pai, da aflição magoada da mãe.” (Saramago, 1980, p. 76).

Entretanto, a partir do momento em que João e Faustina decidem que chegou a hora de oficializar a união, vê-se como a diferença de tratamento dentro da relação amorosa muda para Faustina, como explica Cerdeira: “partilham uma afectividade nova, onde os sentimentos recíprocos impedem que se repita, na relação do casal, a dominação do macho.” (Cerdeira, 1989, p. 236). Enquanto Sara da Conceição, durante as mudanças com Domingos, ia andando sempre atrás, à sombra do marido, Faustina anda ao lado de João Mau-Tempo, de mãos dadas, iniciando uma nova parceria mais harmônica entre homem e mulher:

João Mau-Tempo levava Faustina pela mão, tremiam-lhes os castigados dedos, guiava-a sob as árvores e ao rente dos matos e das ervas molhadas, e de repente, sem saberem como aquilo aconteceu, talvez cansada de tantas semanas de trabalho, talvez tremor insuportável, acharam-se deitados. Em pouco tempo perdeu Faustina a sua donzelia, e, quando terminaram, lembrou-se João do pão e chouriço, e como marido e mulher o repartiram. (Saramago, 1980, p. 77).

No trecho acima é possível constatar como há, também, uma maior dignidade para Faustina dentro da relação sexual: não se excluem os já citados pesos que as mulheres carregam, de servirem sexualmente e de sempre agradarem seus

companheiros, porém este peso não se explicita no episódio. Ao terminarem, dividem igualmente a comida com um respeito que não existia para Sara da Conceição e muito menos para a mulher abusada no começo do livro.

Depois de casados, João Mau-Tempo e Faustina seguem numa relação que não altera as condições de trabalho para a mulher, que ainda vivia mais restrita a cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, mas compartilhando um maior respeito e dignidade dentro da relação, como já citado anteriormente, o que demonstra um leve avanço na vida da mulher.

A obra demonstra, a partir de Faustina, pequenos avanços na situação feminina que nesse momento se mostra dentro de casa, na relação e respeito entre marido e mulher. Isso continuará de maneira mais expressiva no relacionamento de Gracinda Mau-Tempo, filha de Faustina e João Mau-Tempo, e também ao, a partir dessa personagem, haver uma reconstrução do espaço da fonte de água, citada anteriormente na mulher estuprada.

Gracinda, herdeira do mau tempo passado de geração em geração desde Domingos, viveu a infância e adolescência como tantas outras crianças do latifúndio, ajudando a mãe e a avó Sara dentro de casa e, quando crianças, dependendo de esmolas: “Gracinda, vai tu com a tua irmã, Amélia, leva-a pela mão, Gracinda, desta vez o Antônio não vai. São incitamentos à mendicidade, é esta a educação que os pais dão aos filhos” (Saramago, 1980, p. 203). Essa posição da menina como ajudante da mãe e uma pequena dona de casa se relaciona com um painel, a figura 1 abaixo, de “A lição de Salazar”, uma publicidade criada pelo governo português.

Na imagem é possível ver, primeiramente, como os elementos se conectam com o slogan “Deus, Pátria, Família” do governo, com o crucifixo e a bandeira de Portugal se ligando aos primeiros termos. A família, ponto central para a atual análise, se mostra com o pai, trabalhador rural pela enxada nas costas (o que retoma a essencialidade rural de Portugal como propaganda de governo, como citado por Rosas), voltando feliz, para a casa e para os filhos, também felizes ao recebê-lo. Ao pai cabe o trabalho externo ao lar, o sustento financeiro da família, e o menino, em casa, estuda. Agora, para as representações femininas os papéis são diferentes: a mulher, enquanto o marido está trabalhando fora, fica no lar cuidando dos filhos, limpando a casa e preparando a comida. A menina, diferente do irmão, não estuda, mas brinca com brinquedos que remetem ao lar e ao trabalho doméstico.

Dessa forma, os espaços reservados de acordo com o gênero dos membros da família está delimitado: aos homens, o trabalho externo e o estudo, enquanto que para as mulheres, o cuidado com o lar, tendo na figura da menina uma aprendiz da mulher, uma preparação para o papel que deve desempenhar no futuro.

Figura 1: A Lição de Salazar³



Portanto, Gracinda Mau-Tempo, durante a sua infância ajudando a mãe e a avó, está, como na figura 1, em um papel de aprendiz sobre o lugar reservado a ela no futuro.

Essa personagem continua com a mudança iniciada no relacionamento de sua mãe e seu pai, que é ao ter uma situação digna e respeitosa dentro do seu namoro. Manuel Espada, o namorado e futuro marido, aparece na obra como um grevista de Monte Lavre ao se recusar a trabalhar com uma máquina debulhadora - "Vou-me embora, que isto não é trabalho, é morrer." (Saramago, 1980, p. 109). A partir disso, cria-se nesse personagem uma posição de oposição às condições do latifúndio, o que se comprova por toda a vida dele, que depois do episódio da greve - e momento em

³ Disponível em:

https://oliveirasalazar.org/download/documentos/A%20li%C3%A7%C3%A3o%20de%20Salazar___4D121BE9-3394-4D43-AB1F-A81584CE2799.pdf

que se apaixonará por Gracinda - será preso junto com João Mau-Tempo por acusações de movimentações comunistas.

O namoro dos dois seguirá, diferentemente do de Sara da Conceição, com respeito, rompendo com a subalternidade feminina dentro da relação amorosa. O pedido de namoro se dará na mesma fonte em que a mulher, já citada no trabalho, foi estuprada quinhentos anos antes, mostrando uma evolução da posição feminina dentro desse espaço, passível de ser ressignificado com o passar do tempo - “isto sem falar da grande diferença que se mostra no respeito de Manuel Espada, que apenas pega na mão de Gracinda Mau-Tempo” (Saramago, 1980, p. 200).

É a partir desse episódio de início de namoro entre Gracinda Mau-Tempo e Manuel Espada que o narrador coloca:

Muito de homens se tem falado, alguma coisa de mulheres, mas quando assim foi, como de passageiras sombras ou às vezes indispensáveis interlocutoras, coro feminino, de costume caladas por ser grande o peso da carga ou da barriga, ou então mães dolorosas por várias razões, um filho morto, outro valdevinos, ou filha desonrada, é o que não falta. De homens se continuará a falar, mas também cada vez mais de mulheres, e não por causa deste namoro e futuro casamento, pois namorar também namoraram Sara da Conceição e Faustina, avó já morta e mãe aína felizmente viva de Gracinda Mau-Tempo, e disso poucas foram as coisas ditas, as razões são outras, ainda se calhar imprecisas, e é que os tempos vêm aí. Logo isto de se terem declarado sentimentos à porta de uma prisão, ou posto de guarda e lugar de morte, para o caso tudo o mesmo, vai contra as tradições e convenções, numa hora de tanta aflição, é certo que compensada por alegrias de liberdade ainda temerosa, dizer um rapaz a uma rapariga, Quero namorar contigo, esta mocidade não se parece nada com a do meu tempo. (Saramago, 1980, p. 199).

Portanto, a partir desse momento vê-se uma ressignificação primeiro do espaço, já que a fonte, local de um estupro, vira palco para um namoro, e também dos momentos vividos: Manuel Espada, recém liberado da prisão, se apaixonada por Gracinda, que também estava durante um momento difícil já que seu pai havia sido preso. Peter Pál Pelbart, no texto “Poder sobre a vida, potência da vida”, aponta sobre como há formas de organização dentro de uma realidade já opressora, tomando a biopolítica como potência da vida e não mais potência sobre a vida. Biopolítica, primeiramente, é um termo criado por Foucault e que relaciona as formas de poder sobre a vida das pessoas na modernidade, de forma que há uma regulação por parte do governo, por exemplo, da relação da população com as coisas - “Biopolítica

designa pois essa entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana.” (Pelbart, 2008, p. 39).

A virada proposta, de biopolítica como poder da vida e não mais sobre a vida, compreende que é a partir da própria vida e dos espaços que antes oprimiam uma população que há a possibilidade de uma resistência e de criação de algo que foge do domínio do poder sobre a vida, havendo uma “luta contra as formas de assujeitamento, isto é, de submissão da subjetividade” (Pelbart, 2008, p. 41).

A subjetividade dos indivíduos e a possibilidade de construir relações, por exemplo, conferem a estes o sentido de força viva e potência psíquica e política:

Quando um grupo de presidiários compõe e grava sua música, o que eles mostram e vendem não é só sua música, nem só suas histórias de vida escabrosas, mas seu estilo, sua singularidade, sua percepção, sua revolta, sua causticidade, sua maneira de vestir, de "morar" na prisão, de gesticular, de protestar, de rebelar-se - em suma, sua vida. Seu único capital sendo sua vida, no seu estado extremo de sobrevivência e resistência, é disso que fizeram um vetor de existencialização, é essa vida que eles capitalizaram e que assim se autovalorizou e produziu valor. (Pelbart, 2008, p. 37).

Desta forma, para Gracinda e Manuel Espada há uma construção de potência e felicidade dentro de uma realidade já muito difícil, esta da ditadura e do latifúndio. Sobretudo após uma prisão, há de forma muito marcante uma reorganização do espaço e construção de afetos a partir dos indivíduos e suas subjetividades - “vai contra as tradições e convenções, numa hora de tanta agonia” (Saramago, 1980, p. 199).

Ademais, especialmente para as mulheres, refletidas em Gracinda no momento, é um período de renovação, como aponta Cerdeira: “também elas se levantarão de um chão esmagador de séculos patriarcais para assumir uma posição activa na conquista que é individual e coletiva. (Cerdeira, 1989, p. 245).

Também é a partir de Gracinda que os nomes inauguram uma promessa de nova fase para esses lavradores: de Mau-Tempo, a continuação da família passa para Espada, o que demonstra, a partir dela e de sua filha, uma era com novas perspectivas de vida, para eles e para Portugal num geral.

Maria Adelaide é o nome da filha que começará uma nova geração de Espada. A personagem já apresenta uma característica importante para a simbologia da obra: os mesmo olhos azuis que o avô, João Mau-Tempo:

Minha querida filha, e é então que João Mau-Tempo vê que seus olhos são imortais, nem ele conhece o mais distante dela (...) olhem bem para mim, para estes meus olhos azuis, e agora vejam os desta minha neta, que vai chamar-se Maria Adelaide e é retrato daquela sua avó com mais de quinhentos anos, mais os olhos que são do seu avô salteador estrangeiro de donzelas. (Saramago, 1980, p. 322).

Portanto, a partir de Maria Adelaide há uma ressignificação dos olhos azuis. Enquanto anteriormente, para a mulher estuprada e para a memória de Portugal, esses olhos carregavam o peso da violência e exploração do corpo feminino, nesse momento adquirem uma carga de herança familiar honrosa. Ter os mesmos olhos que o avô remete a caber, em uma mulher, a lembrança e legado de uma vida difícil, mas também de uma luta por melhores condições de vida e políticas dentro do latifúndio em Portugal. Além disso, demonstra como as marcas são mutáveis de acordo com as identidades e a ressignificação existentes ao longo do tempo. Esses olhos, em Maria Adelaide, ainda carregam a lembrança da mulher estuprada, demonstrando que a marca dessa violência não foi esquecida, porém com uma carga diferente.

É Maria Adelaide Espada também que, aos dezenove anos, com a notícia sobre o fim da ditadura portuguesa depois de 48 anos de ditadura, chora ao ouvir “Viva Portugal” e “percebe que a vida mudou e será ela a dizer, Gostava tanto que o avô, não pode acrescentar outra palavra, é o desespero do que não tem remédio” (Saramago, 1980, p. 384).

Há, assim, a constatação que as renovações e mudanças que as personagens femininas sofreram ao longo da história culminam na Revolução dos Cravos de 1974, representada sobretudo a partir de Maria Adelaide. As marcas, memórias e identidades não foram criadas com o fim da ditadura, mas sim acharam um meio de florescer durante e, finalmente, levar ao fim dela. Com isto, há um carregamento das lembranças do avô João Mau-Tempo, mas também das cicatrizes e lutas das mulheres, desde a mulher estuprada na fonte até sua mãe, Gracinda Espada, culminando em um levantar do chão da família Mau-Tempo e de toda uma sociedade dentro do Portugal rural representado no livro.

Portanto, a escolha de focalização das mulheres em *Levantado do Chão* mostra, inicialmente, uma preocupação e reafirmação da existência delas na história do Portugal latifundiário representado. Também mostra, ao longo da evolução das personagens, mudanças sutis quanto à subalternidade ao marido, principalmente.

4. A infância e o papel da educação em *Levantado do Chão*

José Saramago, na obra *Levantado do Chão*, utiliza como base o período histórico em Portugal, do final do século XIX até pouco depois de 1975, para construir uma narrativa focada na região do Ribatejo. A partir disso, reconstrói a história inserindo grupos de trabalhadores rurais, mulheres e outras vítimas da pobreza, censura e trabalhos abusivos na sua narrativa.

Dentre essas vítimas estão também as crianças, representadas no livro de forma a mostrar como o direito à infância lhes era negado e o trabalho infantil assolava a região. Neste capítulo, será apresentada reflexões a respeito da categoria da infância e como foi um direito negligenciado para as crianças representadas no livro, vítimas do trabalho infantil, sujeitas a violências ou a mendicidade. Também será abordado como o direito à alfabetização e o acesso à escola mudaram com a passagem da República portuguesa para o Estado Novo, algo presente no livro na representação da infância das personagens João Mau-Tempo e seu filho, António Mau-Tempo.

No texto “A compreensão da infância como construção sócio-histórica” (2014), os autores Samuel Lincoln Bezerra Lins, Maria de Fátima Oliveira Coutinho da Silva, Zoraide Margaret Bezerra Lins e Terezinha Féres Carneiro abordam inicialmente sobre como definir o que é a infância e, conseqüentemente, os direitos garantidos a essa classe, depende de vários fatores sociais e sofreu mudanças ao longo da história. É mostrado como a definição ultrapassa a idade cronológica e se faz em relação com outros fatores, como família e sociedade, mudando também de acordo com o período histórico, a economia e local:

A importância da criança dentro de uma comunidade varia conforme o período histórico em que ela é considerada, uma vez que cada período imprime na infância uma significação específica, por vezes atrelada às condições sociais, e não apenas à sua condição de ser biológica. (Bezerra et al, 2014, p. 128)

O texto aponta que até o século XVI “a consciência social não admitia a existência autônoma da infância como uma categoria diferenciada do gênero humano” (Bezerra et al, 2014, p. 129), havendo, portanto, a ideia de que a criança era um pequeno adulto, capaz de ter praticamente as mesmas responsabilidades e frequentar os

mesmo ambientes. A concepção de infância como um período diferenciado, que demanda cuidados específicos surge com mais força a partir do século XVII em famílias ricas - “Ainda no século XVII, nas classes dominantes, surgiu a primeira concepção real de infância, a partir da observação dos movimentos de dependência das crianças muito pequenas.” (Bezerra et al, 2014, p. 130).

A partir desse breve panorama vê-se que a categoria de infância é um fruto da modernidade e sujeita a mudanças de acordo com a localidade e a situação financeira da família, por exemplo. Isso leva à falta de garantia de direitos especiais às crianças e condições insalubres de vida, o que pode ser visto em *Levantado do Chão*, em que há, por meio da ficção, uma denúncia das condições sociais das crianças na época, do final do século XIX até 1974.

A partir da obra vê-se que a garantia de que a crianças teriam as mínimas condições de alimentação e saúde para viverem não era um direito, reflexo da situação do latifúndio representado, com baixos salários:

Cresce a família, mesmo morrendo muitos infantes de suas doenças de caganeira líquida, desfazem-se em merda os pobre anjinhos, e extinguem-se como pavios, braços e pernas mais gravetos que outra coisa, e a barriga inchada, e estão assim até que, chegada a hora, abrem pela última vez os olhos só para verem ainda a luz do dia, quando não acontece morrerem às escuras (...) (Saramago, 1980, p. 88).

De tal modo, desde o nascimento, às crianças era reservado a herança das más condições de vida dos pais: insalubridade, alimentação e cuidados com a saúde - da mãe durante a gestação e do filho - insuficientes. Assim, a mortalidade infantil é, como mostrado no trecho acima, algo recorrente na região e o primeiro dado sobre a desvalorização dos bebês e crianças. Sara da Conceição, mãe de João Mau-Tempo, também perdeu uma filha recém nascida - “Tivera entretanto Sara da Conceição uma outra filha que em oito dias morreu.” (Saramago, 1980, p. 50).

Passados e sobrevividos os primeiros anos, a vida das crianças do latifúndio representado no livro é marcada por longas jornadas de trabalho, com uma má remuneração e em condições inadequadas para uma idade tão jovem, reiterando como a concepção de criança era apenas como um “pequeno adulto”. Também, o incentivo para isso era a miséria que assolava a região e que portanto, fazia com que

as famílias precisassem desse salário a mais vindo do trabalho infantil:

Mas esta criança, palavra só por comodidade usada, pois no latifúndio não se ordenam assim as populações em modo de prever-se e respeitar-se tal categoria, tudo são vivos e basta, que os mortos é só enterrá-los, não é possível fazer trabalhar os mortos, esta criança é apenas uma entre milheiros, todas iguais, todas sofredoras, todas ignorantes do mal que fizeram para merecerem tal castigo. (Saramago, 1980, p. 60-61).

Ademais, durante a infância e adolescência, o trabalho é tido como uma premissa da vida que os aguarda, como um período de aprendizagem e moldagem do caráter e obediência desses futuros adultos que continuarão com o mesmo trabalho rural - “Entre os dez anos e os vinte há que aprender tudo e depressa, ou não teremos patrão que nos aceite.” (Saramago, 1980, p. 64).

No livro, é possível analisar a trajetória sobretudo de dois personagens, sob essa perspectiva da infância negada: João Mau-Tempo e António Mau-Tempo, que foram vítimas desde cedo do trabalho infantil, sujeitos a humilhações e situações precárias de vida. Os dois servem como personificação para tantas outras crianças, já que:

Esta família Mau-Tempo parece escolhida pelo destino para negros casos, mas seria fruto de pouco entendimento assim supor. Afinal, até agora apenas morreu um, e se é em fome e miséria que estamos a pensar condoídos, qualquer outra família serviria, tão abundantes nisso são as populações. (Saramago, 1980, p. 70).

João Mau-Tempo, filho de Sara da Conceição e do sapateiro Domingos Mau-Tempo, torna-se o homem da família após o suicídio do pai e, portanto, obrigado a trabalhar para o rendimento da casa, aos dez anos de idade:

É uma figura grotesca, de enxidão às costas, maior do que ele, que de madrugada se levanta da enxerga, na luz oleosa e fria da candeia, e tudo é tão confuso, tão espesso o sono, tão sem norte os gestos, que provavelmente já de enxidão às costas sai da enxerga, já de tamancos, maquina primitiva de um só movimento, levantar o enxidão e deixar cair, onde estão as forças. Sara da Conceição lhe disse, Meu filho, por esmola me deram trabalho para ti, para ganhares alguma coisita, pois a vida é uma carestia e não temos donde nos venha. E João Mau-Tempo, sabedor da vida, pergunta, Vou cavar, minha mãe. Sara da Conceição, pudesse ela, diria, Não vais, meu filho, tens só dez anos, não é trabalho para uma criança, mas que há-

de ela fazer se neste latifúndio não sobram outros modos de viver e o ofício do pai defunto é mal assombrado. (Saramago, 1980, p. 55-56).

No trecho acima vê-se que a pobreza obrigava as crianças ao trabalho e em condições completamente inadequadas para a idade (dez anos, no caso de João), submetendo-as ao trabalho rural pesado, exaustivo e de longas jornadas - “trabalhos de força bruta que não se deveriam pedir a um infante, mas só lhe faria bem começar a saber que lugar lhe estava destinada em crescendo” (Saramago, 1980, p. 50).

No artigo “The evolution of child labor in Portugal” (2017), os autores mostram a prevalência do trabalho infantil em Portugal, evidenciando que na agricultura - recorte utilizado no livro de Saramago - a prática era ainda mais comum e que, entre os anos de 1900 a 1911, “45% a 48% das crianças com idades entre 10 a 19 anos estavam envolvidas em trabalho remunerado”⁴ (Goulart, Bedi, 2017, p. 6). Na figura 2 há os dados de como o trabalho infantil em Portugal foi, durante muito tempo, fonte de mão de obra, sobretudo entre 1890 a 1911 na agricultura.

Além disso, a necessidade de trabalho não era a única forma de atentado contra a infância, havendo também a agressão física e verbal por parte dos patrões. João, inicialmente, é levado para trabalhar com seu tio Joaquim Carranca, que o submetia a humilhações:

Bruto era Joaquim Carranca, que o deixava de noites nas searas, de guarda à cabana, ou na eira, quando tal obrigação não havia de competir a tanta fraqueza. E mais, noite adiante, por judiaria maldosa, ia ver se o sobrinho dormia e atirava-lhe com um saco de trigo para cima, que ficava o pobre a gemer, e como se isto não fosse bastante e até de sobra, espetava-lhe no corpo um cajado de ferrado com uma choupa, e quanto mais o sobrinho gritava e chorava, mais ele ria, o desalmado. Que são casos verdadeiros, estes, por isso custam tanto a crer a quem se pauta por ficções. (Saramago, 1980, p. 50)

Figura 2

⁴ Tradução livre da autora. No original: “45 to 48 percent of children in the age group 10–19 were engaged in paid work”.

	<i>Boys</i>		<i>Girls</i>		<i>Total</i>		<i>Labor Incidence</i>			<i>% of Labor Force</i>			
	<i>10-14</i>	<i>15-19</i>	<i>10-14</i>	<i>15-19</i>	<i>10-14</i>	<i>15-19</i>	<i>10-14</i>	<i>15-19</i>	<i>10-19</i>	<i>10-14</i>	<i>15-19</i>	<i>10-19</i>	
<i>Agriculture</i>													
1890		244,729		115,347	360,076							37%	23%
1900		268,714		83,433	352,147							32%	23%
1911		257,960		56,209	314,169							26%	21%
1940	44,522	112,634	10,985	23,184	55,507	135,818	7%	18%	12%	4%	11%	15%	
1950	65,587	167,034	14,002	38,614	79,589	203,021	10%	25%	18%	5%	13%	18%	
1960	94,611	152,566	6,407	13,162	101,018	203,022	12%	27%	17%	7%	14%	18%	
<i>Industry</i>													
1890		57,333		34,791	92,124							9%	21%
1900		67,595		37,951	105,546							10%	23%
1911		85,546		39,902	125,448							10%	23%
1940	10,184	41,230	5,916	23,886	16,100	65,116	2%	9%	5%	4%	15%	19%	
1950	12,747	60,016	7,538	35,650	20,285	95,666	3%	12%	7%	3%	16%	20%	
1960	18,266	65,954	9,819	34,769	28,085	100,723	3%	13%	8%	4%	15%	19%	
<i>Others</i>													
1890		74,469		68,842	143,311							15%	24%
1900		43,581		19,587	63,168							6%	14%
1911		84,338		21,714	106,052							9%	19%
1940	27,221	71,035	22,704	52,227	49,925	123,262	6%	16%	11%	5%	12%	17%	

Fonte: Goulart, Bedi (2017).

Na representação do latifúndio no livro, vê-se que há uma hierarquia entre os que sofrem nessa sociedade quanto ao emprego - “há o desemprego, primeiro os mais moços, depois as mulheres, por fim os homens” (Saramago, 1980, p. 61). A vivência nessa sociedade ao longo dos anos gera nas pessoas um embrutecimento nas relações sociais. Isto se comprova no tratamento dado a João Mau-Tempo pelo próprio tio, que perpetua a partir de sua posição de pessoa mais velha o sadismo com que está acostumado.

Passando a trabalhar para Norberto, João ficava sob a vigilância do capataz Gregório Lameirão, que também utilizava da sua posição para humilhar a criança - “olha que a tua mãe disse-me que de ti só queria os ossos para fazer uma cadeira e a pele para fazer um tambor.” (Saramago, 1980, p. 60). Nesta personagem é apontado de novo a falta de emoções dentro da sociedade retratada no livro, em que a miséria gera o estremecimento de qualquer cuidado ou ética:

Quando Gregório Lameirão saía de casa ou do quartel, deixava o coração pendurado atrás da porta e ia mais leve, sem outro cuidado que não fosse bem merecer a confiança do patrão e ganhar merecidamente as mais moedas e melhores comedorias que lhe valia o cargo de capataz e carrasco do rancho. (Saramago, 1980, p. 59)

António Mau-Tempo, filho de João com Faustina, também inicia sua vida trabalhista muito cedo, como guardador de porcos e também, como o pai, sofrendo humilhações por parte do patrão:

António Mau-Tempo já vai trabalhando, anda de ajuda a guardar porcos, por enquanto não tem idade e braços para volteios de maior substância. O maioral não o trata bem, é o costume destas terras e destes tempos, não nos indignemos por tão pouco. (Saramago, 1980, p. 95)

E, ao longo de sua infância, António irá passar por diversos ofícios, todos não adequados para as condições físicas de uma criança:

e com treze anos viu-se a acompanhar os homens maduros a queimar rama, a cavar, em obra de açude, que é trabalho que demanda muito esforço e braço. Tão cedo como quinze anos foi que aprendeu a tirar cortiça, prenda preciosa em que veio a sair mestre, como tudo em que se metia, sem vaidade. (Saramago, 1980, p. 133)

Desta forma, a escolha pela representação da infância de João Mau-Tempo e António Mau-Tempo se liga à realidade de Portugal, servindo como uma forma de, por meio da literatura, denunciar as condições a que eram submetidas as crianças na época. Entretanto, há entre as duas personagens uma diferença em relação à educação: João Mau-Tempo, criança durante o período da Primeira República portuguesa, teve acesso a um ensino básico de três anos, enquanto que seu filho, criança durante a ditadura, não.

Na Constituição de 1911, no parágrafo 11, está colocado que: “O ensino primário elementar será obrigatório e gratuito”. João Mau-Tempo, portanto, sendo uma criança neste período, teve o acesso à escola e ao mínimo de alfabetização - “E veio este tempo em boa estação porque entretanto ali se inaugurou uma escola de primeiras letras, e João Mau-Tempo, que estava na idade, foi aprender a ler, escrever e contar” (Saramago, 1980, p. 44). Este direito, porém, não garantia a frequência das crianças nas escolas, então várias não frequentavam ou não continuavam a ir devido ao trabalho.

Segundo Catarina Pimentel Neto, na dissertação “O trabalho infantil no Portugal do século XX” (2023), aponta que durante a Primeira República, iniciada em 1910, o

ensino era visto como um forma de construção de cidadãos segundo o ideal republicano e, por isso, tornou-se obrigatório:

A Primeira República via o ensino como uma via de formação para cidadãos forjados segundo os ideários republicanos, e, apoiada em propostas de pedagogia que vinham a ser desenvolvidas por pedagogos, na sua maioria republicanos, desde o tempo da monarquia, implementa uma reforma na instrução primária, laiciza e descentraliza o ensino e torna-o gratuito e obrigatório, durante 3 anos. (Pimentel, 2023, p. 38)

Por outro lado, não há, na Constituição de 1933, nenhuma garantia ou ao menos incentivo para a escolaridade das crianças, moldadas desde o início para serem trabalhadores exemplares, sobretudo rurais, seguindo a lógica de um Portugal essencialmente agrário. Isso aparece na obra de Saramago:

Quando cresceu, Gracinda Mau-Tempo não foi à escola. Nem Amélia iria. Nem António tinha ido. Em tempos muito antigos, era o pai destes três criança, andaram os propagandistas da república a clamar pelos povoados, Mandai os vossos filhos à escola, eram como apóstolos de pera e bigode e chapéu mole anunciando a boa nova, a luz da instrução, chamavam à cruzada, com a extrema diferença de que então não se tratava de expulsar o turco de Jerusalém e do túmulo do Senhor, não eram coisas de ossos ausentes, mas de vidas presentes, estas que depois iam com a saqueta de linhagem a tiracolo, suspensa de um barbante, e lá dentro a cartilha oferecida pela mesma república que mandava carregar a guarda se os progenitores reclamam salário maior. (Saramago, 1980, p. 205)

O acesso à educação, mesmo que durante poucos anos, gerou em João Mau-Tempo o desejo de uma realidade diferente - desejo que não se concretizou. A possibilidade de sonhar com uma carreira na polícia ou na guarda, em Lisboa, fora da realidade de Monte Lavre, mostra-se como, primeiramente, uma característica da infância e adolescência, mas também como uma visão de futuro diferente a partir da educação, o que António nunca teve:

Quando João Mau-Tempo finca a enxada na terra, lembra-se do capote, dos bailes, das namoradas mais a sério ou mais a brincar, e esquece a mágoa de ali viver, preso àquele chão, tão longe de Lisboa, se a tanto alguma vez se atreveu a aspirar, se não foi tudo sonho de mocidade, que para isso a temos, para sonhar. (Saramago, 1980, p. 69)

Além disso, a educação dentro de Levantado do Chão é abordada, para os Bertos latifundiários, como algo a ser evitado a fim de manter a dominação dos trabalhadores:

A grande e decisiva arma é a ignorância. É bom, dizia Sigisberto no seu jantar de aniversário, que eles nada saibam, nem ler, nem escrever, nem contar, nem pensar, que considerem e aceitem que o mundo não pode ser mudado, que este mundo é o único possível, tal como está, que só depois de morrer haverá paraíso, o padre Agamedes que explique isto melhor, e que só o trabalho dá dignidade e dinheiro, porém não têm de achar que eu ganho mais do que eles, a terra é minha, quando chega o dia de pagar impostos e contribuições, não é a eles que vou pedir dinheiro emprestado, que aliás sempre foi assim, e será, se não for eu a dar-lhes trabalho, quem o dará, eu e eles, eu que sou a terra, eles que o trabalho são, o que for bom para mim, bom para eles é, foi Deus que quis assim as coisas (...) (Saramago, 1980, p. 79-80)

Desta forma, vê-se a partir da obra que para a manutenção da realidade latifundiária, dentro de um contexto ditatorial em Portugal, formar novos cidadãos conscientes desde a infância não é proveitoso. João Mau-Tempo, que teve pouca educação e que seus desejos não se concretizaram, ainda teve a chance de sonhar, possibilidade vetada intencionalmente para que as próximas futuras gerações aceitassem e se resignassem com o futuro que as esperava. Gerações essas que, como demonstrado ao longo deste capítulo, sofreram com o trabalho infantil de longas jornadas, condições inadequadas para o porte de uma criança e sob uma vigilância dura e sádica.

5. Considerações finais

A obra *Levantado do Chão*, de José Saramago, se encaixa dentro de um projeto de escrita que aproxima realidade e ficção e reescreve criticamente o período histórico do fim do século XIX até 1974 em Portugal. Os Mau-Tempo, personagens e herdeiros do mau tempo financeiro, político e de vivências, extrapolam a si próprios e representam toda uma sociedade silenciada e oprimida dentro do Portugal essencialmente rural representado no livro. Os trabalhadores obrigados a ir a Évora exaltar Salazar e a prisão de João Mau-Tempo, por exemplo, são trechos que propiciam o entendimento de como foi o período do Estado Novo para grupos subalternos. Isso, como proposto no primeiro capítulo do presente trabalho, faz com que o livro seja uma forma de revisitar a história e construir novas formas de pensamento.

Também foi mostrado como a escrita de José Saramago, no livro em foco, carrega traços de uma literatura marxista e Neorrealista que pretende revisitar criticamente um período histórico e dar espaço para pensar em uma nova realidade, havendo assim uma junção entre arte e política. O livro não é um romance histórico nem uma biografia, mas sim uma construção ficcional feita a partir de uma pesquisa de campo e temas sensíveis ao autor que serve como um testamento de uma época.

Ao utilizar deste projeto de exaltar grupos oprimidos, as focalizações passam para outros grupos, para além dos trabalhadores rurais como João Mau-Tempo. Neste trabalho também foram analisadas as mulheres de *Levantado do Chão*: exemplo de grupo subalterno, colocados em posições de inferioridade na sociedade, que têm seus dramas e violências retratados na obra. Contando sobre a violência sexual pela qual a mulher estuprada passou, vítima da superioridade masculina e regional por parte de Lamberto Horques Alemão e outros que vieram povoar Portugal; as agressões a Sara da Conceição dentro do casamento, o sexo como obrigação da mulher e a subordinação a um homem, vê-se que há uma escolha pela focalização e, conseqüentemente, a exaltação de determinado grupo. Com a descrição das formas de subalternidade a que foram submetidas as mulheres de *Levantado do Chão*, há uma representação de todo um grupo historicamente oprimido, além de que, no livro, existe uma evolução da posição delas ao longo da história, utilizando de uma ressignificação de lugares e diferentes formas de construção social. A partir de

Faustina Mau-Tempo, Gracinda Mau-Tempo e Maria Adelaide Espada, há melhorias na vida das mulheres se comparado com as duas citadas anteriormente: o tratamento dentro da família, a relação sexual e a coincidência da vida da última personagem citada com o fim da ditadura portuguesa são exemplos. Além disso, a mudança de nomes é algo importante para a mudança de vida, já que a passagem de Mau-Tempo para Espada, com o casamento de Gracinda com Manuel Espada, inaugura um novo momento para a família que começa a mudar os maus tempos políticos, sociais e trabalhistas.

Por fim, o trabalho mostrou que a representação da infância em *Levantado do Chão* é mais um artifício que reflete uma época e focaliza um grupo subalterno. A categoria de infância, como uma classe que precisa de cuidados específicos, foi fruto da modernidade e negligenciada por muito tempo, inclusive no momento e na sociedade do livro de Saramago. Nesta, crianças, sobretudo representadas por João Mau-Tempo e António Mau-Tempo, eram vistas como pequenos adultos e carregavam desde cedo a responsabilidade financeira da família. João Mau-Tempo, vítima do trabalho infantil e responsável pela família depois do suicídio do pai, aos dez anos, sofria também de humilhações por parte dos patrões e familiares, demonstrando um embrutecimento nas pessoas que viviam nessa região, nas condições descritas no livro. Este, criança durante a Primeira República em Portugal, teve a oportunidade de ir para a escola durante três anos, gerando uma possibilidade de sonhar com um futuro melhor e mostrando o incentivo à educação existente durante o período de 1910 a 1926. Por outro lado, António Mau-Tempo, personagem que também simboliza as violências contra as crianças, se difere de seu pai por não ter tido nenhum mínimo acesso à educação, já que durante a ditadura portuguesa esse incentivo não existiu. A falta da educação também se mostra, dentro da obra, como um auxílio para a dominação e inferiorização dos trabalhadores rurais, moldados desde cedo para a resignação da realidade vivida no latifúndio e portanto benéfica para os Bertos, latifundiários na obra de José Saramago.

O trabalho pretendeu, ao longo dos capítulos, mostrar como *Levantado do Chão* serve como um meio para entender a realidade portuguesa, a partir dos grupos subalternos focalizados. As histórias não contadas e as pessoas oprimidas tomam o protagonismo na obra, fugindo da narrativa dos que detém o poder. Desta forma, com uma ligação entre arte e política, o livro abre espaço para olhar pro passado de forma

crítica e pensar em um futuro diferente.

Com a descrição das condições de vida a que eram submetidas as mulheres do livro, pensada em conjunto com os trabalhos utilizados que explicam as formas de dominação e subalternidade do corpo feminino, há a intenção de relacionar os direitos femininos com os períodos políticos opressores. Além disso, as mulheres representadas no trabalho pretendem mostrar como a subalternidade feminina se manifesta também dentro das relações amorosas e sexuais. Com isto, a obra de José Saramago se mostra como uma forma de dar protagonismo a esse grupo subalterno e uma lente para entender essa realidade recente em termos históricos.

A abordagem sobre as crianças em *Levantado do Chão*, com foco em pai e filho vítimas do trabalho infantil e humilhações, pretendeu mostrar como a obra focaliza outro grupo subalterno e como se dá a construção dos futuros trabalhadores explorados. É possível pensar, a partir do trabalho, que as pessoas dentro do Portugal representado no livro são moldadas, com a falta de educação, do tratamento hostil e da falta de direitos à infância, para serem resignadas as condições de trabalho do latifúndio e da política ditatorial. O livro suscita o pensamento sobre como os direitos das crianças e a proibição do trabalho infantil são recentes e não assegurados, a depender do contexto histórico, social e político.

REFERÊNCIAS

- SARAMAGO, José. **Levantado do chão** (Nova edição). [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2013.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2022. 365 p. ISBN 9788526815315 (broch.).
- SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote I** (Nova edição). [s.l.] Companhia das Letras, 2023.
- CERDEIRA, Tereza Cristina. **José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses**. Editora Moinhos, 2018.
- MENDONÇA, Josailton Fernandes. **A SEMÂNTICA DOS NOMES PRÓPRIOS NUMA ABORDAGEM METALINGUÍSTICA**. Sapere Aude, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 658–677, 2016. DOI: 10.5752/P.2177-6342.2016v7n14p658. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/P.2177-6342.2016v7n14p658>.
- PITA, António Pedro. “**Mudar a vida**” precisa da arte? Biblos. Vol 11, 2013. pp. 61-73. Disponível em: https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35457/3/BIBLOS%20XI_cap4.pdf?ln=ptpt
- FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. **Formas de ler: a literatura e a biblioteca, a literatura e o tempo, a literatura e o corpo**. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2019
- FEDERICI, Sílvia. **Sexualidade como trabalho**. 1975. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/847154790/Artigo-PT-BR-Silvia-Federici-Sexualidade-como-Trabalho>
- SALAZAR, António Oliveira. **Obra completa: discursos e notas políticas, 1928 a 1966**. Coimbra: Coimbra Editora, 2015.
- FAURI, Ana. **Levantado do chão: o romance como recuperação da história / Raised from the Ground: novel fiction as history**. *Via Atlântica*, ano 1, n. 1, p. 155, 2017. DOI: 10.11606/va.v0i31.131892.
- Bezerra, SL., Coutinho da Silva M., Bezerra Z, ZM. & Féres C., T. (2014). **A compreensão da infância como construção sócio-histórica**. *Revista CES Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 1
- Goulart P, Bedi AS. **The Evolution of Child Labor in Portugal, 1850–2001**. *Social Science History*. 2017;41(2):227-254. doi:10.1017/ssh.2017.3
- PIMENTEL, Catarina Neto. **O trabalho infantil no Portugal do século XX**. 2023. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/150500/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20O%20Trabalho%20Infantil%20no%20Portugal%20do%20S%C3%A9culo%20XX%20->

[%20Vers%C3%A3o%20corrigida%20e%20melhorada%20ap%C3%B3s%20defesa%20p%C3%ABlica.pdf](#)